

O ESTÁGIO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO ENTÃO À LUZ DOS PRINCÍPIOS DE HOPPER

Daiane Aparecida Cavalcante

Universidade Federal da Paraíba; daiane.aparecida20@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de analisar a luz dos princípios de Hopper, os estágios de gramaticalização do item *então*, verificando o comportamento funcional do item em dados da oralidade, no corpus D&G de Natal, com informantes do ensino superior, contemplando os gêneros: narrativa de experiência pessoal, relato de opinião, narrativa recontada, descrição de local e relato de procedimento. Hopper (1991) afirma que a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções/valores/ usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluídos da linguagem, o autor propõe os seguintes princípios que dizem respeito a estágios iniciais, aos graus variados do processo de gramaticalização: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização. Esses princípios acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que, conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, não visando, portanto, verificar se eles pertencem ou não a gramática. Dentre os autores, com quem tentamos dialogar estão: Bybee (2016), Hopper (1991), Hopper (1988), Du Bois (1993), Traugott & König (1991), Taylor (1995), Gonçalves (2007), Coutinho (2011), Rocha Lima (1994) Cegalla (2004), Mira Mateus (2003). Conforme a amostra de dados, o item *então* apresenta traços prototípicos e persistentes de sua função-fonte, como também se descategoriza e passa por um processo de abstratização metafórica, perde traços sintáticos e semânticos, ganha traços pragmático-discursivos de outra função-alvo. Conclui-se, portanto, que o *então* vem se estratificando, ganhando papel temático funcional de introdutor, perspectivador ou angulador, sequenciador ou articulador, modalizador discursivo epistêmico, retomador ou anáforico, aditivo, resumidor, juntor, finalizador, inferidor, pausador, funções que coexistem com a função prototípica da sua função-fonte. Com escopo nesses achados, é notório que a gramática da língua é um sistema adaptativo, maleável, e dinâmico, em que as categorias gramaticais são moldadas por regularidades discursivas, de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes reais da língua.

Palavras-chave: Estágio de gramaticalização, Princípios de Hopper, *Então*.

INTRODUÇÃO

O advérbio *então* tem sido tema fulcral de muitos pesquisadores, por apresentar natureza híbrida, funcionando a cavaleiro de duas funções, ora exercendo função de sua categoria-fonte

advérbio, ora da categoria-alvo conjunção, figurando no rol das conjunções coordenadas conclusivas, isto sob o arcabouço da gramática tradicional.

Esse comportamento funcional flutuante do *então* ocorre devido ao que explica Coutinho (2011, p. 269) que ao contrário das preposições, poucas foram às conjunções que o português herdou do latim. Para suprir tal deficiência, recorreu a língua às outras classes de palavras, sobretudo, aos advérbios e às preposições, dando-lhes função conjuncional, e por sua vez, o *então* enquadra-se e desliza-se para essa categoria.

O *então* pertence à categoria gramatical dos advérbios, mais especificamente, advérbio de tempo. De acordo com Rocha Lima (1972, p. 153) os advérbios são palavras modificadoras do verbo, servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal.

Para Luft (2002, p. 182) [Advérbio é] palavra de natureza (1) nominal (depressa< de pressa; [...]; claro, claramente [...]) ou (2) pronominal (aqui, aí, ali), que se acrescenta à significação: a) de um verbo, b) de um adjetivo, ou de outro advérbio, ou c) de toda uma frase.

Conforme preconiza Cunha (1986, p. 499) os advérbios são palavras que se juntam a verbos para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e os adjetivos, para intensificar uma qualidade.

Corroborando com essa concepção, Cegalla (2004, p. 170) define que o advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio.

Em todas as assertivas dos linguistas da gramática tradicional, é notório o caráter do advérbio como modificador do verbo, ou seja, como predicador, que modifica semanticamente o papel temático do verbo, reforçando o sentido de um adjetivo, de um advérbio, modificando também a estrutura de toda a oração, expressando, portanto, a gama de circunstâncias denotadas pelo verbo, são vistos como circunstancializadores, focalizadores, intensificadores, modalizadores, qualificadores, aspectuais, e, sobretudo, determinantes de um verbo.

É mister ressaltar que a linguista Mira Mateus (2003, p. 417) redimensiona o olhar defronte a categoria dos advérbios e apresenta uma nova categorização, quando apregoa que o advérbio é uma classe ou categoria de palavras bem heterogênea e complexa, cuja designação apoia-se na ideia enganosa, de que modifica apenas verbos e que geralmente vem ao lado deles: porém, os advérbios modificam vários tipos de constituintes e podem exercer posições diversas.

Na esteira funcionalista sob o viés discursivo-pragmático o elemento em estudo apresenta comportamento funcional escorregadio, ganhando papel temático de introdutor, perspectivador ou angulador, sequenciador ou articulador, modalizador discursivo, retomador ou anafórico, aditivo,

resumidor, juntor, finalizador, pausador, inferidor, funções que coexistem com a função prototípica da sua função-fonte.

A Linguística Funcional norte-americana tem como escopo central analisar a língua pelo viés do uso, ou seja, a língua é concebida do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística que imbrica os eventos comunicativos dos falantes.

Partindo desses pressupostos, a gramática da língua é sensível às pressões do uso, obedecendo às regularidades discursivas. Du Bois (1993, p. 11) assevera que:

O que equaciona as relações entre discurso, ou uso, e gramática são as seguintes proposições: a) a gramática molda o discurso; b) o discurso molda a gramática, ou: a gramática é feita à imagem do discurso, mas o discurso nunca é observado sem a roupagem da gramática.

Sob esse ângulo funcionalista, gramática e discurso interagem e se influenciam mutuamente, a gramática é moldada pelo discurso e este é moldado pela gramática, que é compreendida como uma estrutura em constante mutação/adaptação, um sistema adaptativo não estanque, que só se materializa em consequência das vicissitudes do discurso, através do uso da língua em uma situação concreta e tácita de intercomunicação.

Parte-se da ideia da língua como objeto social que se renova pelo uso através da sua dinamicidade e sensibilidade às pressões externas, sendo entendida como uma atividade em tempo real, portanto, nesse ínterim, não existe uma gramática pronta, acabada, mas sim uma contínua gramaticalização, como bem asseveram alguns autores funcionalistas “não há gramática, há gramaticalizações”.

A gramaticalização implica, portanto, na perda do sentido original da forma sob transformação, desenvolvendo-se novos sentidos.

Conforme preconizam Traugott e König apud Heine et al. (1991, p. 4):

A gramaticalização refere-se principalmente a um processo histórico unidirecional e dinâmico por meio do qual itens lexicais, com o passar do tempo, adquirem um novo status como formas gramaticais ou morfossintáticas, e no processo começam a codificar relações que ou não foram codificadas antes ou foram codificadas diferentemente.

A unidirecionalidade é o efeito colateral da gramaticalização, onde os itens migram do Léxico para a Gramática, seguem o cline de mudança do concreto < abstrato, do – gramatical < + gramatical.

A língua é um produto da cognição humana, um sistema simbólico convencional, que impõe a seus usuários, um conjunto de categorias, de traços prototípicos, a teoria da gramaticalização adota a noção de protótipo, opondo-se a noção de categoria da teoria clássica aristotélica, conforme pontua Taylor (1992, p. 79-80) que:

- i) Todos os membros de uma categoria têm igual estatuto;
- ii) Todos os não-membros de uma categoria têm igual estatuto;
- iii) Há um conjunto fixo de condições necessárias e suficientes que definem a pertinência de um membro a cada categoria;
- iv) Todos os traços necessários e suficientes para definir uma categoria têm igual estatuto;
- v) Os limites das categorias são fixos.

Nessa concepção, é perceptível que as estruturas gramaticais linguísticas são fossilizadas, não são ancoradas no processo de mudança ou da variação, da gramaticalização, da reanálise, do desbotamento e da erosão sintática, são categorias prototipicamente estáticas e a sintaxe é autônoma.

Em contrapartida para o Funcionalismo as categorias gramaticais não são fixas, são fluídas. Bybee (2016, p. 26) por categorização se refere:

À similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras ou sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas. As categorias resultantes são a base do sistema linguístico, sejam elas unidades sonoras, morfemas, palavras, sintagmas ou construções. Categorização é o domínio geral, no sentido de que as categorias perceptuais de vários tipos são criadas a partir da experiência, independentemente da língua.

De acordo com o pensamento bybeeano somente se a língua fosse uma estrutura mental fixa, ela talvez tivesse categorias discretas, mas já que ela é uma estrutura que está em constante uso e é filtrada pelas atividades de processamento que a modificam, há variação e gradação.

Pelo fato da língua está em constante ebulição, renovação e efervescência, os falantes automatizam novas funções para formas já existentes, os princípios do apagamento e da economia linguística, também estão atrelados a esse processo de renovação que permeia a língua e os falantes os utilizam para atender as demandas de suas necessidades comunicativas, através da memória enriquecida, que segundo Bybee (2016, p. 27) se refere:

À estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados. Categorização é o processo pelo qual essas memórias enriquecidas são mapeadas em representações existentes. A memória para formas linguísticas é representada em exemplares, construídos com base em ocorrências de experiência linguística.

A estocagem mental por parte dos falantes ancora-se no conhecimento linguístico que estes tem, das experiências extralinguísticas que eles constroem no limiar das interações com os interlocutores..

Hopper (1991) afirma que a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções/valores/usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluídos da linguagem, o autor propõe os seguintes princípios que dizem respeito a estágios iniciais, aos graus variados do processo de gramaticalização: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização.

Esses princípios acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que, conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, não visando, portanto, verificar se eles pertencem ou não a gramática.

Neste trabalho, utilizaremos esses princípios para explicar a gramaticalização do *então*, nosso objeto de estudo.

O princípio da *estratificação* segundo Hopper (1991) preconiza que em um mesmo domínio funcional amplo, novas “camadas” estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas, ou seja, é uma competição entre as formas funcionais já existentes com outras que vão surgindo.

É mister ressaltar que ao surgirem novas formas funcionais, a substituição das equivalentes não eclode de maneira súbita, nem tampouco abrupta, ou pode até mesmo não vir a acontecer, o que implica na interação e coexistência de “camadas” novas e antigas convivendo em um mesmo domínio funcional,

Hopper assevera que o princípio da estratificação não surge para a eliminação das formas antigas e a substituição pelas formas novas, mas, sobretudo, consiste no “amontoamento” no mesmo domínio funcional, de formas sutilmente diferenciadas, mas que codificam funções similares ou idênticas, correlacionando-se entre si.

Esse princípio constata que uma das consequências e o gatilho da gramaticalização é justamente a convivência harmônica de soluções gramaticais distintas, num mesmo corte sincrônico, visto que, a gramaticalização dá surgimento à variação linguística.

O princípio da *divergência* remete aos diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item lexical e é aplicável aos casos em que um mesmo item lexical autônomo se gramaticaliza em um contexto, deixando de fazer em outros.

O terceiro princípio, *especialização* tem relação com a questão do estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço, vai se tornando mais frequente, mais rotinizada e cristalizada, habituando-se entre as interlocuções dos falantes, que automaticamente tornam obrigatório determinados usos, funções e valores para atender às demandas das suas necessidades comunicativas.

A especialização evidencia o quanto o sistema linguístico é emergente e adaptativo, e quanto os falantes são criativos, visto que, automatizam e desautomatizam novas funções para formas já existentes, especializando funções diferentes para essas formas na expansão dos diversos contextos comunicativos.

O quarto princípio, o da *persistência* é o que prevê a manutenção de alguns traços semânticos da função-fonte na forma gramaticalizada. Conforme salienta Hopper (1991) esse princípio consiste em quando uma forma se gramaticaliza, passando de uma função lexical para uma função gramatical, tanto quanto isto seja gramaticalmente viável, alguns traços do seu significado lexical original tendem a aderir à nova forma gramatical, e detalhes de sua história lexical podem refletir-se na sua distribuição gramatical.

Por fim, o último princípio, a *descategorização* remete à perda, por parte da forma em processo de gramaticalização, dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva. A descategorização ocorre quando formas em processo de gramaticalização tendem a perder ou a neutralizar as marcas morfológicas e as propriedades sintáticas das categorias plenas Nome e Verbo, e assumem atributos característicos das categorias secundárias tais como o adjetivo, o particípio, a preposição, etc.

Portanto, ocorre nesse princípio um desbotamento semântico, um empalidecimento, perda parcial de transparência, uma recategorização, podemos observar na amostra dos dados em estudo, que o *então* dessemantiza-se parcialmente nos diversos contextos em quem figura, por ainda manter traços prototípicos de sua função-fonte, mas também ganha traços discursivo-pragmáticos, recategorizando-se como um marcador discursivo, operador argumentativo, funcionando como um elemento coesivo e interativo nas porções textuais.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a luz dos princípios de Hopper, os estágios de gramaticalização do item *então*, verificando o comportamento funcional do item em dados da oralidade, no *corpus* D&G de Natal, com informantes do ensino superior, contemplando os gêneros: narrativa de experiência pessoal, relato de opinião, narrativa recontada, descrição de local e relato de procedimento. O autor propõe os seguintes princípios que dizem respeito a estágios iniciais, aos graus variados do processo de gramaticalização: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da amostra dos dados do *corpus* D&G de Natal, podemos aplicar os princípios de gramaticalização hopperianos nos excertos destacados, onde a partir disso, verificamos o papel temático polissêmico e multifuncional do item em estudo:

Encontramos o processo de estratificação nos excertos abaixo mencionados:

- (1) [...] *as melhores notas ... quer dizer ... por exemplo ... tem supor de:: terminando a escola ... terminando o segundo grau ... duzentos e cinquenta têm que ir pra universidade ... **então** você passa o segundo grau todinho estudando ... aprendendo ... né ... só assim pode entrar na universidade ... **então** acho que aí vem a questão de política no Brasil ... porque o pessoal num investe na educação ... né ... é brasileiro é ... principalmente político né ... começa pelos grandes ... querem mais que ... a gente que tem estudo ... que conhece ... sabe o que quer ... eles querem que a gente ... num tenha capacidade de discernir o que é certo e o que é errado ... **então ... por isso** mesmo eles não vão investir numa classe ... tem que ser uma pessoa muito de bem ... muito esclarecida ... (Gênero relato de opinião).*

Podemos observar no primeiro excerto do gênero relato de opinião, a concorrência entre as formas, através das conjunções *então* e *por isso*, que por sua vez, possuem no mesmo domínio funcional sentidos equivalentes, por fazerem parte da categoria das orações coordenadas conclusivas, o falante para concluir sua opinião sobre a questão da política no Brasil, reforça pelo efeito da contiguidade, fortalece semanticamente a sua conclusão a respeito da assertiva em pauta no evento comunicativo, utilizando a escolha de duas conjunções conclusivas, que ganham nesse

matiz discursivo nuances enfatizadoras para reforçar, finalizar a opinião deste acerca do tema discutido

O princípio da divergência foi encontrado nos fragmentos abaixo, que revelam a natureza multifuncional do *então* com funções divergentes, onde a partir do comportamento funcional deste elemento, criamos matrizes de classificação para o item:

- **Então introdutório/marcador de turno conversacional**

(2) *I. então ... é ... chegou o dia da viagem ... é ... eu nunca tinha viajado de avião ... ((riso)) e ... estava uma ... eu tinha medo ... tinha ... existia uma certa expectativa ... uma ansiedade de ... pela primeira vez eu tive medo de sair de casa sabe? e fiquei ... mas ao mesmo tempo um medo com coragem ... porque era um desafio ... era um ... mostrar pra mim que eu já era homem ... que eu já podia caminhar sozinho ... (Gênero de narrativa experiencial).*

No fragmento acima exposto, o *então* exerce a função de marcador de turno conversacional, com o papel temático de organizador, elaborador do turno conversacional, o falante introduz o turno e infere as outras informações, o *então* permite a progressão textual entre as porções sequenciadoras do evento comunicativo.

- **Então (ambíguo): Pausador/inferidor/sequenciador/articulador discursivo**

(3) *[...] esse advogado estava chegando ao seu escritório quando foi pego por essa ... pela ocupação ... né ... chegando lá nesse ... na cela ... tinha uma série já de outros... anteriormente pegos ... e nesse dia chegou o cara dizendo que dez ia pra o fuzilamento ... **então** ...eles decidiram fazer um sorteio ... quem era que ia ... **então** quando chegou o décimo do dia ... quem foi sorteado foi esse advogado ... que agora eu não lembro o nome ... ele ficou apavorado ... né ...com a idéia da morte ... ele apavorou e começou a vender ... comprar sua vida né ... **então** tinha um cara lá ... esse já era doente ... ele já era tuberculoso ... já tava com os dias contados ... que ele fez... resolveu antecipar ... resolveu antecipar sua morte ... comprando ... vendendo sua vida a esse advogado ... **então** esse cara ... como advogado ... fez um pequeno testamento lá ... vendendo ...dando tudo o que era dele ... toda a sua fortuna em prol da família desse cara ... em troca disso ele ganharia a vida ... **então** logo após o fuzilamento ... né ... dos dez caras lá ... houve uma retomada da França ... **então** a ocupação nazista foi retirada da França ... **então** esse cara ficou na rua ... quando ele voltou ... ele não tinha mais nada ... ele não tinha mais escritório ... ele não tinha mais profissão... ele não tinha mais fazenda ... a chácara dele lá no subúrbio ... **então** ele ficou desesperado ...vagando pela rua ... (Gênero narrativa recontada).*

O excerto do gênero narrativa recontada reporta ao *então* com papel temático funcional imbricador (ou ambíguo) por cumular várias funções simultaneamente, como o discurso é negociado na fala, o falante faz pausas, para a elaboração, organização do turno conversacional, ele pausa para posteriormente inferir outras informações, dar sequencialidade a progressão das porções textuais, funcionando também como um elemento coesivo, articulando o discurso.

- **Então (ambíguo): Perspectivador ou angulador/modalizador discursivo argumentativo/resumidor de turno/finalizador de turno conversacional**

(4) [...] ensino público e ensino particular ... mas acho que tudo ... eu num sei se ... mas é ... é muito difícil:: mas essa seleção é muito ... muito relativa essa seleção ... se você for levar por esse lado e fazer essa seleção pro vestibular é muito relativo ... **então acho** que se tem ... justamente ... é questão de ter investimento na educação ... se investisse mais na ... na ... no ensino público ... obviamente teria:: porque a capacidade desse pessoal é a mesma do particular ... inclusive ... tem professor que ensina em colégio particular e em colégio público ... **então** ... só que agora em colégio particular ele recebe muito mais ... dá vontade de ensinar ... e no público não ... **então** ... se tiver esse incentivo ... (Gênero relato de opinião).

O fragmento do gênero relato de opinião, no contexto do evento comunicativo exige que o falante expresse sua opinião sobre o assunto que envolve a cena comunicativa, o que implica que o falante irá trazer marcas argumentativas, modalizadoras e intersubjetivas na trama discursiva.

Podemos observar, que no fragmento selecionado da amostra dos dados para explicar esse princípio hopperiano da divergência, o *então* também exerce a função de resumidor do turno conversacional, quando o falante expressa sua opinião defronte o fulcro temático, o *então* exerce comportamento funcional de finalizador do turno conversacional, o falante resume sua opinião, apontando para a conclusão desta, expressando seu posicionamento e julgamento de valor.

- **Então (ambíguo): aditivo/sequenciador/juntor**

(5) [...] porque eu nunca pego uma receita e faço do jeito que está escrito ... normalmente eu faço uma arrumação para os meus gostos ... né ... eu não gosto muito de peixe picante ... aí eu já tiro alguma coisa ... eu não gosto de determinada salada ... **então** eu já tiro essa salada ... **então** esse peixe ... que eu faço muito lá em casa é um peixe frito ... **então** a primeira coisa que eu faço é ... pegar o cardápio e ver o que que eu vou fazer ... olho o que que eu tenho em casa e o que eu não tiver ... vou ao supermercado ... **então** esse peixe ... eu compro a posta de peixe e boto no limão ... e no alho e no sal e deixo curti-lo ... enquanto isso eu cozinho umas batatas ... não é ... ainda na casca para ficar aquela:: pra ela não ficar muito molhada ... ela fica mais:: mole ... mas não fica molhada com

água... ela fica mole ... mas:: mole sem ser aguada como essa outra que cozinha na água ... então põe a batata pra cozinhar ... prepara o arroz ... né ... faz aquela limpeza total ... bem lavado ... preparo este arroz ... (Gênero relato de procedimento).

No trecho acima o *então* cumula papel temático funcional ambíguo, pois, ele exerce a função aditiva, de somar informações sequenciadas, por se tratar de um relato de procedimento, gênero de instrução de como se faz uma receita, no caso receita de peixe, podemos substituir o item *então* pela conjunção aditiva, o *então* adiciona outras informações, soma ideias, somando informações sequenciadas, pelo fato da própria receita exigir no seu procedimento a sequenciação ordenada das ações, que sequenciando-as, as juntam, as conectam, as articulam como elemento coesivo dentro das porções textuais.

De acordo com o que aponta a amostra dos dados, podemos denotar que o *então* vem se especializando na expansão dos diferentes contextos, como também mantendo traços persistentes de sua função-fonte prototípica, apresentando traços anafóricos temporais, exercendo comportamento funcional de:

- **Então (ambíguo) retomador ou anafórico/resumidor de turno conversacional/finalizador de turno conversacional**

(6) *[...] o que eu:: muito:: nessa:: nessa viagem foi na despedida ... no último dia ... na terça-feira de manhã ... cada um foi agradecer ... foi assim ... cada um tinha a oportunidade de falar ... mas falar o que tava sentindo ... e como era uma roda muito grande muitos jovens ... então era muito tempo pra cada um falar e pensando que ia dizer o que realmente tava sentindo ... então às vezes ele escolhia fulano ... fulano ... ninguém esperava né ... aí dizia “fulano de tal tem alguma coisa que mais sentiu ... que você mais aprendeu assim nessa viagem ...” então o que mais interessan/ o que teve de mais interessante é que quando falava assim ... “fulano ... fulano de tal diga o ... o que você mais aprendeu” ... então cada um só dizia essa mesma palavra ... que tinha aprendido a amar verdadeiramente ao outro.... (Gênero narrativa de experiência pessoal).*

No fragmento acima supracitado, narrativa de experiência pessoal, podemos evidenciar os traços persistentes do item em estudo, que ainda cumula características categoriais prototípicas de sua função-fonte, mantendo traços de retomada, de sua natureza anafórica, exercendo o papel temático conclusivo, peculiar da natureza das conjunções conclusivas.

Com isso, podemos asseverar que no que tange ao princípio da descategorização, o *então* não perde totalmente seus traços prototípicos da sua função-fonte, a dessemantização, o

empalidecimento e a neutralização do item é parcial, destarte este, apresentar comportamento funcional escorregadio e fluído, há perda de transparência semântica, mas que, por sua vez, a função meta/alvo não apaga os traços da categoria fonte, portanto, notamos que há mais ganhos pragmático-discursivos do que perdas, sendo assim, corroboramos que o que ocorre é a convivência harmônica entre as duas funções: função-fonte e função alvo/meta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a multifuncionalidade do então conforme a amostra de dados do Corpus D&G de Natal, observamos que o item apresenta comportamento funcional fluído e escorregadio, possui natureza híbrida, atuando na bifuncionalidade, a cavaleiro das duas funções entre função-fonte advérbio e a função-alvo/meta conjunção, fator que possibilita a ocorrência de deslizamentos metafóricos e erosões semânticas.

Conforme a amostra de dados, o item então apresenta traços prototípicos e persistentes de sua função-fonte, como também se descategoriza e passa por um processo de abstratização metafórica, perde traços sintáticos e semânticos, ganha traços pragmático-discursivos de outra função-alvo. Conclui-se, portanto, que o então vem se estratificando, ganhando papel temático funcional de introdutor, perspectivador ou angulador, sequenciador ou articulador, modalizador discursivo, retomador ou anáforico, aditivo, resumidor, juntor, finalizador, inferidor, pausador, funções que coexistem com a função prototípica da sua função-fonte.

Com isso, podemos asseverar que no que tange ao princípio da descategorização, o então não perde totalmente seus traços prototípicos da sua função-fonte, a dessemantização, o empalidecimento e a neutralização do item é parcial, destarte este, apresentar comportamento funcional escorregadio e fluído, há perda de transparência semântica, mas que, por sua vez, a função meta/alvo não apaga, nem tampouco anula a emergência de outras funções divergentes do item, que mantém incólume os traços da categoria fonte, portanto, notamos que há mais ganhos pragmático-discursivos do que perdas, sendo assim, corroboramos que o que ocorre é a convivência harmônica entre as duas funções: função-fonte e função alvo/meta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, Joan L. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CÂMARA JR, J. MATTOSO. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CEGALLA, Domingos P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Nacional, 1994.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. 4. ed. Brasília (DF): MEC, 1977.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org). **Corpus Discurso & Gramática** – a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRN, 1998.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos & aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, P. Emergent grammar and the a priori grammar postulate. In: TANNEN, D. (Ed.) **Linguistics in Context**. Norwood, NJ: Ablex, 1988.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. São Paulo: Globo, 2002.

MIRA MATEUS, Maria Helena et alii (2003) **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho.

TRAUGOTT, E. & KÖNIG. “The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited”. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (orgs.) **Approaches to grammaticalization**, vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991.